

## Consumo, materialidade e corpo: a visualidade na cultura funk paulistana (1992-2014)

LAÍZA SANTANA OLIVEIRA<sup>1\*</sup>

Em dezembro de 2013 teve intensificação a série de encontros que ocorriam em shoppings da cidade de São Paulo e que tão logo espalhou-se pelo país. Eram os rolezinhos: encontros agendados por famosos das redes sociais, isto é, jovens que gozavam de relativo prestígio na internet por postarem fotos, vídeos em plataformas digitais que agradavam uma parcela dos adolescentes e que então, por conta da relativa fama, passaram a criar eventos para se aproximar de seus seguidores e fãs e que consistiam basicamente em andar, atravessar os corredores e andares de shoppings centers, muitas vezes, cantando funk. Entretanto, o que aparentemente era uma prática banal e juvenil tornou-se caso de justiça, envolvendo violência policial, acusações de realização de arrastões e um acalorado debate midiático (e jurídico).

Em artigo para o jornal *Folha de São Paulo* do dia 14 de janeiro de 2014, o professor Pedro Abramovay, da Faculdade Getúlio Vargas do Rio de Janeiro, destacou a arbitrariedade de um juiz que, no afã de impedir a realização de rolezinhos em shoppings centers da capital paulistana, estipulou uma multa de R\$ 10 mil a cada jovem que descumprisse a ordem. Segundo Abramovay “admitir que só algumas pessoas podem circular por lá [shopping], com policiais e oficiais de justiça analisando quem pode ou não pode entrar, oficializa a discriminação [social e racial]”.<sup>2</sup>

Porém, distintamente da opinião de Abramovay, a decisão judicial estava em consonância com a opinião pública. Segundo pesquisa divulgada pelo Instituto Datafolha também no mês de janeiro de 2014, 82% dos moradores da cidade eram contrários a realização dos rolezinhos em shoppings centers. Matéria de Marcelo Leite, de 23 de janeiro do mesmo ano, salientou que o rechaço era evidente mesmo entre os jovens da periferia, já que, somente 8% eram favoráveis à realização de tais encontros.<sup>3</sup>

Diante do exposto, é notável como os ‘rolezinhos’ revelaram uma das facetas de uma cultura que se conformou em São Paulo em finais da década de 90 do século passado, e que

---

<sup>1</sup> Mestranda em História Social pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH - USP).

<sup>2</sup> ABRAMOVAY, Pedro. Opinião: ‘Liminar que proíbe ‘rolezinho’ assegura direito a segregação’. **Folha de São Paulo**. 14 de janeiro de 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/01/1397333-opiniao-liminar-que-proibe-rolezinho-assegura-direito-a-segregacao.shtml>>.

<sup>3</sup> LEITE, Marcelo. 82% dos paulistanos são contra ‘rolezinho’, diz pesquisa Datafolha. **Folha de São Paulo**. 23 de janeiro de 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/01/1401561-82-dos-paulistanos-sao-contrario-rolezinho-diz-pesquisa-datafolha.shtml>>.

atingiu proeminência nacional somente na primeira década do século XXI. O recorte histórico da pesquisa, isto é, entre 1992 a 2014, está relacionado às categorias associadas ao funk pela mídia paulistana, tendo como base dois importantes jornais *O Estado de São Paulo* e *Folha de São Paulo*.

Estes jornais passaram a dar ênfase à existência do gênero funk carioca em 1992, em decorrência dos arrastões ocorridos em praias cariocas, durante a alta temporada do verão e somente em 2014, o funk paulista e paulistano é colocado em destaque, associado aos rolezinhos, que, por sua vez, eram associados à desordem, furtos e roubos, sem um aprofundamento nas análises.

Em comum, nota-se que o funk, em sua versão carioca ou paulista, foi exposto na mídia a partir de questões ligadas à violência e apropriação de espaços públicos ou privados por indivíduos indesejados nesses contextos. Tais perspectivas, além de retroalimentar discursos hostis à parcela não-abastada da população brasileira, acabaram por associar o funk à criminalidade, excluindo este gênero do cenário musical do país e solapando horizontes de reflexão acerca desta cultura que opera a partir de lógicas e regras próprias.

Esta apresentação tem por objetivo, assim, diante do exposto, analisar a visualidade na cultura funk paulistana, e não paulista, já que a cultura funk paulista engloba a produção cultural não só da capital, como também da Baixada Santista e por conta do escasso tempo, não seria possível realizar esta análise mais ampla. Deste modo, esta apresentação visa tratar a moda e visualidade na cultura funk paulistana a partir da relação entre o corpo, a materialidade e o consumo, a partir do aporte teórico-metodológico da Cultura Material e da História do Tempo Presente, este último, domínio ainda em construção na historiografia nacional.

### **- Conformação do funk paulista, paulistano e a materialidade**

O funk no Brasil originou-se a partir da música funk e soul afro-americana, sendo mixada a novas batidas rítmicas e adaptadas em bailes, que se assemelhavam aos bailes de charme da década de 1970. Nestes locais, quem exercia destaque eram os MCs (cantores) e DJs que cantavam e tocavam - e ainda o fazem - em espaços gerenciados por empresas como a “Furacão 2000”, da família Costa, que passou, a partir da década de 1980, a realizar grandiosos eventos em regiões periféricas do estado do Rio de Janeiro a preços populares. Em

pouco tempo, este estilo se espalhou pelas regiões sudeste e sul do país, sofrendo alterações conforme as dinâmicas de cada região.<sup>4</sup>

É destacável nas fontes jornalísticas de *O Estado de São Paulo* e *Folha de São Paulo* - os dois mais importantes jornais do estado - que o rap, principalmente o rap dos Racionais MC's (formado por Mano Brown, Ice Blue, Edi Rock e DJ KL Jay), da zona sul, que era o gênero musical que maior alcance na periferia paulistana durante a década de 1990.

Em reportagem do dia 05 de novembro de 1992, assinada pelo jornalista Sérgio Torres, da *Folha de São Paulo* é feita uma distinção clara entre os estilos de batida carioca e paulistana que tinham em comum o referencial norte-americano: segundo o autor, o funk carioca associou elementos da batida e dos clubes de Miami e portanto, adotou viés mais erotizado, com letras menos complexas e mais repetitivas. Já, a batida paulistana se ligou a cultura afro-americana das gangues de Nova York, onde as letras adotaram tom de protesto e crítica social. Citando o autor: “as letras de protesto costumam ser quilométricas. Já o funk erótico tem textos primários”.<sup>5</sup>

Essa dicotomia entre funk como um estilo mais carioca e o rap paulistano, na realidade, encobre produções de funk que já eram realizadas, embora em menor proporção em alguns bailes realizados na periferia paulistana e em segundo lugar, encobre que havia funks cariocas com letras em tom de protesto como o funk “eu só quero é ser feliz, andar tranquilamente na favela onde eu nasci (...) diversão hoje em dia não podemos nem pensar pois até lá nos bailes eles vem nos humilhar” que faz uma crítica clara a discriminação sofrida pelos funkeiros na cidade.

É somente no início do novo século, no litoral sul de São Paulo, que surge uma produção paulista, de fato, com a vertente do funk ostentação que chegou a capital pouco tempo depois, na década de 2010. Os videoclipes e as letras desta vertente se caracterizaram pela valorização de um ideal de perfeição do corpo feminino, valorização de carros, de mansões, de bebidas caras, festas e de vestimentas importadas.

Muito mais que simplesmente itens de vestimenta, tais artefatos podem ser entendidos como um meio de jovens da cultura funk transcenderem a sua própria realidade e tal transcendência se daria não apenas pela exibição de novos signos, mas pela construção de um novo corpo, ou uma nova síntese corporal, nos termos do antropólogo Jean-Pierre Warnier.

---

<sup>4</sup> HERSCHMANN, Micael (Org.). **Abalando os anos 90: funk e hip-hop, globalização, violência e estilo cultural**. Rio de Janeiro. Editora Rocco, 1997.

<sup>5</sup> TORRES, Sérgio. “Funk do Rio prefere linha erótica ao protesto.” *Folha Ilustrada*. p. 4.8. **Folha de São Paulo**. 05 de novembro de 1992.

Não se trata, portanto, nesta análise, de tratar puramente a aparência do sujeito, mas a transformação efetiva desse sujeito, indissociável de seu corpo.

A abordagem de Warnier sobre o fenômeno social conhecido como SAPE (abreviação para *Société des Ambianceurs et Personnes Élégantes*) se mostra valorosa para o presente estudo. Sucintamente, o grupo SAPE teve origem entre descolarizados originários do Congo-Brazzaville (Congo Francês) e em fins da década de 1970 e começo dos anos 1980, os membros passaram a embarcar para Paris para adquirir roupas, sapatos e acessórios de grife da alta costura; branqueavam a pele e engordavam com anti-histamínico e consumo intenso de semolina. Utilizando como trampolim os artefatos oferecidos usualmente para o consumo de elites europeias, os sapeurs voltavam à terra de origem com seus corpos transformados pela viagem, que os tornava reconhecidos e importantes na região. Pela análise de Warnier, não se trata de um simples fenômeno de imitação da cultura branca europeia, mas de uma apropriação alinhada com valores enraizados na própria cultura congoleza, uma espécie de antropofagia.<sup>6</sup>

Procura-se, então, no que tange a cultura funk paulistana, tomar distância da ideia de consumo como destruição da cultura material ou da concepção do consumo como simples fenômeno de alienação, noção esta que marcou o meio acadêmico, conforme critica o também antropólogo Daniel Miller.<sup>7</sup> A dimensão material não nos informa, assim, nessa linha, somente sobre as significações de um universo simbólico, mas sim, se mostra parte ativa desta cultura e tal poder se nota nas práticas de consumo deste grupo que molda corpos, não somente pela dimensão musical que caracteriza a cultura funk paulistana, mas pela aquisição e incorporação de artefatos de alto valor por jovens de periferia.

### - A visualidade e a moda no funk paulistana

A moda enquanto fenômeno social é recente na História. É com o adensamento populacional nas cidades e a organização das cortes, durante o período Moderno, que o vestuário se torna elemento de desejo e vislumbre porém, os mecanismos relacionados a moda não se restringem a reprodutibilidade mecânica, ou alguma razão metafísica, psicológica ou exigência social. Dito de outra forma, não é um anseio de imitação de classe que é capaz de

---

<sup>6</sup> WARNIER, Jean-Pierre. **Construire la culture matérielle**. L'homme qui pensait avec ses doigts. Paris: Presses Universitaires de France, 1999.

<sup>7</sup> MILLER, Daniel. "Consumo como cultura material". In: **Horizontes antropológicos**. Porto Alegre. ano 13. número 28. 2007. pp. 33-63.

explicar, por exemplo, por quais motivos jovens da periferia de São Paulo, apreciadores de funk, se utilizaram de correntes de ouro, shorts, camisetas, tênis, óculos de marcas consagradas como *Oakley*, *Nike*, *Aeropostale*, *Abercrombie&Fitch*, *Puma*, *Adidas* e *Quicksilver*, e não de produtos de lojas de *fast fashion*.

Dentre as teorias que buscam analisar os mecanismos da moda, destaca-se a teoria de Herbert Blumer que, não ignorando a relação entre as classes, aponta que a moda, porém, não tem como função primordial legitimar as diferenciações entre os estratos da sociedade (embora também o faça). Em sua teoria nomeada de “seleção coletiva”, não são mais as elites que ditam os vestuários que devem ser utilizados.<sup>8</sup> Em outras palavras, a diferenciação de estilos entre os indivíduos não mais determina a diferenciação entre as classes, segundo, ademais, destacado por King & Ring. Estudos como os de Baumgarten, Summers, Sproles têm apontado que a moda tem seguido a influência de determinados “líderes da moda” que variam conforme cada contexto e que não há como prever ou antever quem serão e o que farão estes “líderes”.<sup>9</sup>

Com o advento das redes sociais como Snapchat, Instagram, Facebook, Whatsapp, assiste-se à um aumento na agência de jovens e nos níveis de influência que estes passam a exercer na Internet, tornando-se, deste modo, capazes de “ditar moda”. No caso do funk paulista estes jovens influenciadores são os cantores, tais quais MC Danado, MC Lon, MC Dede, entre outros. Estes funkeiros, por meio de seus perfis pessoais, videoclipes, músicas, compartilhadas e curtidas por uma gama imensa de adolescentes, foram personagens centrais na profusão da imagem que relaciona o funk paulistano à marcas caras.

Essa incorporação não tem como objetivo a tentativa de reprodução do modo de vida das elites, mas sim, se trata de uma reorganização e junção antropofágica entre as bases culturais dos seus agentes, seu legado social e histórico e referências exteriores à sua própria realidade que, conformaram, um estilo singular, distinto do funk carioca e simultaneamente, do rap paulistano e, também, conseqüentemente, conformam corpos - corpos femininos e masculinos, com diferenciação de gênero claramente explicitada, em que o corpo da mulher é exposto entre calças justas ou shorts, tops ou blusas de malha, tênis ou sapatilhas, ao passo

---

<sup>8</sup> Em sua dissertação de mestrado, Beatriz Velho realiza um estudo acerca da influência das telenovelas da Rede Globo na produção de peças de vestuário, a partir de estudo etnográfico realizado em um shopping popular na cidade do Rio de Janeiro. Para a autora, com base na obra de Davis, duas análises são centrais para o estudo da moda: a tese da “teoria da diferenciação de classe” e a tese de “seleção coletiva”. Fonte: VELHO, Beatriz Alvez. **A moda brasileira e a telenovela: um estudo exploratório**. Rio de Janeiro. COPPEAD-UFRJ. 2000. pp.11-12. dissertação de mestrado.

<sup>9</sup> MCCRAKCREN, Grant. “Bens de consumo, construção de gênero e uma teoria ‘trickle-down’ reabilitada”. In: **Cultura e Consumo**. Novas abordagens ao caráter simbólico dos bens e das atividades de consumo. Mauad Editora. Rio de Janeiro. 2003. p. 125.

que o corpo masculino é revestido por roupas largas, sejam elas camisetas, bermudas ou agasalhos de moletom. Em comum, somente o alto valor das peças e a ideia que ambos se vestem para ver e serem vistos, entretanto, enquanto o corpo da mulher é moldado para ser reverenciado, o corpo do homem “porta o kit”,<sup>10</sup> isto é, engloba o máximo possível de peças e acessórios de marcas.

### - Mas que história é essa?

Mas como um Historiador pode analisar este fenômeno que é tão recente? De que maneira é possível que um Historiador torne esse presente um objeto de estudo? Um trabalho etnográfico não seria mais perspicaz? ou um jornalístico?

Eric Hobsbawm em artigo intitulado “O presente como História: escrever a História de seu próprio tempo” destaca que “mesmo o registro do passado se modifica à luz da história subsequente” entretanto, o Historiador que escreve sobre seu próprio tempo está mais à mercê das mudanças contextuais históricas, do que um historiador que está há dez, vinte ou cem anos distante do fenômeno que analisa. Isso para Hobsbawm não é um problema, mas sim um desafio, assim como é um desafio qualquer interpretação histórica e ademais, não há o que indique que uma análise feita no período de ocorrência do fenômeno seja tão dispare ou coincidente com análises feitas a posteriori.<sup>11</sup>

Assim, para Hobsbawm, a História do Tempo Presente não é algo impossível de ser realizada, para ele, acima de tudo, é necessário fazê-la “ainda que seja para salvar do esquecimento, e talvez da destruição, as fontes que serão indispensáveis aos historiadores do III milênio”.<sup>12</sup>

Na mesma linha, Roger Chartier salienta que a proximidade temporal é um elemento positivo da pesquisa, já que, pode ampliar a compreensão da realidade em estudo pois, tanto pesquisador, quanto objeto compartilham, em maior ou menor grau, das mesmas categorias e referências sociais. Essa característica, para Chartier, é um privilégio para o historiador que tem, então, mais recursos como, por exemplo, possibilidade de realização de entrevistas,

---

<sup>10</sup> ABDALLA, Carla C. **Rolezinho pelo funk ostentação** : um retrato da identidade do jovem da periferia paulistana. Fundação Getúlio Vargas. São Paulo. 2014. dissertação de mestrado.

<sup>11</sup> HOBSBAWM, Eric J. “O presente como História: escrever a história de seu próprio tempo”. In: **Novos Estudos**. CEBRAP nº 43. São Paulo. nov. de 1995. pp. 103-112.

<sup>12</sup> HOBSBAWM, Eric J. **Sobre a História**. São Paulo, Companhia das Letras, 1998. p. 121.

material audiovisual, imagens, etc, para refletir sobre as formações sociais, os indivíduos, e como se dá essa relação.<sup>13</sup>

Para Jean-Pierre Rioux, quanto a desconfiança com relação a contemporaneidade do historiador e de seu objeto de estudo, é primordial que o pesquisador atue cientificamente, com uma seleção objetivada das fontes, isto é, uma seleção norteada por uma ou mais questões elementares à pesquisa científica, analisando a veracidade dos documentos e a maneira e contexto que se deu sua produção.

Para Rioux, a História do Tempo Presente é “um vibrato do inacabado que anima todo um passado, um presente aliviado de seu autismo, uma inteligibilidade perseguida fora de alamedas percorridas” e o historiador deve, nesse sentido, se atentar a recusa do que é efêmero de modo a ser protagonista na redação da História e não os jornalistas que possuem as informações nas mãos mas, realizam análises superficiais, momentâneas e enviesadas.<sup>14</sup>

A História do Tempo Presente coloca, assim, no centro do debate, o questionamento relacionado à construção do presente no tempo histórico. Cruzando a noção sobre o que é o presente e o prisma braudeliano de longa duração, conforme destaca Jacques Le Goff<sup>15</sup>, o debate acerca desta perspectiva historiográfica permite conceber a cultura funk paulistana enquanto parte de um processo histórico mais amplo, com um roteiro próprio e não como uma vivência presentista e pontual que se encerra em si mesma.

Desta maneira, o recorte temporal deste artigo se pauta em dois momentos em que o funk foi destacado e apontado pela mídia jornalística enquanto a causa de desordens sociais, e não enquanto parte integrante da sociedade, como uma cultura que tem uma trajetória, uma história, e que não se caracteriza somente pela violência e digressões.

Ademais, é destacável como os conceitos do sociólogo Pierre Bourdieu, sobretudo aqueles de campo e habitus (estilo de vida), mostram-se boas ferramentas para o entendimento do papel da materialidade na conformação do grupo social da cultura funk em São Paulo. Tais conceitos permitem inferir que as maneiras de vestir denotam um determinado estilo de vida que é partilhado por pessoas que estão situadas em um mesmo campo. No entanto, o que se observa no fenômeno do funk é a subversão do habitus desses segmentos sociais por seus jovens, que mesclam referenciais de outros espaços sociais para

---

<sup>13</sup> CHARTIER, Roger. **Le regard d'un historien moderniste**. Paris: CNRS Editions, 1993. Apud FERREIRA, Marieta de Moraes. “História, Tempo presente e História Oral”. In: **Topos**. Rio de Janeiro. dezembro de 2002. pp. 317.

<sup>14</sup> RIOUX, Jean-Pierre. “Pode-se fazer uma história do presente?” In: CHAUVEAU, A., TÉTART, P. (orgs.). **Questões para a história do presente**. Bauru, SP: EDUSC, 1999. p.50.

<sup>15</sup> LE GOFF, Jacques. “A visão dos outros: um medievalista diante do presente”. In: CHAUVEAU, A., TÉTART, P. **Questões para a história do presente**. op. cit.. p. 93.

construir sua identidade. Um novo estilo de vida é criado e os demais grupos sociais reagem à desestabilização do espaço social, como, por exemplo, no caso dos rolezinhos, cujo incômodo, divulgado pela imprensa tradicional, se dava-se justamente pela “invasão” dos shoppings centers paulistanos pelos jovens da periferia.

### - Conclusão

Em artigo do dia 29 de agosto de 2014, assinada por Jorge Grimberg, do jornal *O Estado de SP*, o jornalista destacou que no Brasil “as pessoas querem mesmo é ostentar e parecer o que não são”, entre outras afirmações feitas ao longo do texto, tais quais “qual a necessidade da existência de uma loja da Prada no Recife” ou “por qual razão há uma loja da Louis Vuitton em Curitiba?”, Grimberg conclui que a fantasia do brasileiro de rico não é sinônimo de um enriquecimento, de fato.<sup>16</sup>

Em um outro artigo do mesmo mês e ano, o colunista Bruno Paes Manso destacou que o funk paulistano foi alvo de seu próprio veneno e que estava com os dias contados de sucesso, o que ele chamou de “desostentação”. Em sua concepção “temas musicais desvinculados do prazer imediato parecem tornar as canções mais longevas. Não é à toa que a desostentação já produziu alguns clássicos”, segundo ele, o problema do funk da cidade e do estado de São Paulo era a valorização do momentâneo, do ato de consumir bebidas, roupas, carros caríssimos, o que era distinto da vida nas periferias.<sup>17</sup>

Teor semelhante de discurso ao citado anteriormente pode ser encontrado na sugestão de projeto de lei (nº 17 de 2017) que surgiu de uma ideia legislativa, criada no portal E-cidadania e que pede a proibição do funk no país. O autor da proposta, Marcelo Alonso, em sua causa, descreve o movimento musical como “crime de saúde pública”, “falsa cultura” e que os bailes seriam um “recrutamento organizado nas redes sociais para atender criminosos, estupradores e pedófilos à prática de crime contra a criança e os adolescentes”.<sup>18</sup>

Como a proposta recebeu mais de 20 mil apoios (21.985 apoios, mais precisamente), foi encaminhada para a Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa (Secretaria

---

<sup>16</sup> GRIMBERG, Jorge. “Até quando o brasileiro irá se fantasiar de rico?”. *O Estado de São Paulo*. 29 de agosto de 2014. Disponível em: <<http://emails.estadao.com.br/noticias/moda-e-beleza/moda-ostentacao,1551567>>.

<sup>17</sup> MANSO, Bruno Paes. “Top five parade - Desostentação. SP é incrível porque está sempre em mutação”. *O Estado de São Paulo*. 27 de agosto de 2014. Disponível em: <<http://sao-paulo.estadao.com.br/blogs/sp-no-diva/top-five-da-parada-desostentacao/>>.

<sup>18</sup> Informações obtidas no portal do Senado Federal. Disponível para consulta pública em: <<https://www12.senado.leg.br/ecidadania/visualizacaoideia?id=65513>>.

de Apoio à Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa), sob a relatoria do senador Romário (PSB-RJ) e segue em discussão no Senado.<sup>19</sup>

Diante do exposto é notável que a construção do funk enquanto um elemento criminoso, que deve ser expurgado do corpus social, integra um processo histórico mais longo, que nos tempos de outrora já tentou banir batuques, o samba e até mesmo o rap e não buscou discutir, ou tão pouco, se aprofundar nos estudos das dinâmicas concernentes a estas culturas. No que tange a cultura do funk paulistana, os jornais já citados anteriormente, ajudaram a fortalecer e difundir esta concepção entre a população, que alijada de outras perspectivas ou pontos de vista sobre o tema, acabaram por reificar a ideia de que funk e crime organizado são faces da mesma moeda.

Nesse cenário, a visualidade dos funkeiros, o estilo por eles criados, o modo de se portar e lidar com o corpo foi transformado em sinal identitário de grupo, mas, por outro lado, realocou sob novas bases os estigmas sociais as quais a camada mais pobre não só de São Paulo, como do país todo, é demarcada. Em uma outra perspectiva, acredito que o vestuário no mundo funk da capital paulistana representou não a imitação, ou reprodução de determinados modelos pré-existentes, mas sim, exerceu agência sobre o sujeito ao servir de artefato propulsor e central desta cultura.

Dito de outro modo, seguindo a tese de Nicole Boivin acerca da materialidade, a matéria foi, para o funk paulistano, o agente ativo na relação entre os indivíduos e entre os indivíduos e os objetos e permitiu a materialização de um novo universo na cena cultural. Ou conforme entoado por MC Boy do Charmes: “não é imaginação, é realidade, já virou passado miséria, necessidade, [dinheiro] não traz felicidade mas afasta a tristeza e talvez minha humildade, seja minha maior riqueza”.

## **Bibliografia**

### a) Textos e obras

ABDALLA, Carla C. **Rolezinho pelo funk ostentação: um retrato da identidade do jovem da periferia paulistana**. Fundação Getulio Vargas. São Paulo. 2014. dissertação de mestrado.

ARRUDA, A.; BARROSO, F.; JAMUR, M.; MELICIO, T. **De pivete a funkeiro: genealogia de uma alteridade**. Cadernos de Pesquisa, v.40, n.140. Rio de Janeiro. 2010. pp. 407-425.

BOIVIN, Nicole. **The Agency of Matter**. Material Cultures, Material Minds. The impact of

---

<sup>19</sup> A tramitação pode ser acompanhada e votada online no portal do Senado Federal. Disponível em: <<http://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/129233>>.

things on human thought, society, and evolution. Cambridge University Press, 2008, p. 129-180.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo/Porto Alegre. Edusp. 2007.

CHARTIER, Roger. **Le regard d'un historien moderniste**. Paris: CNRS Editions, 1993. Apud FERREIRA, Marieta de Moraes. "História, Tempo presente e História Oral". In: **Topos**. Rio de Janeiro. dezembro de 2002. pp. 314-332.

HERSCHMANN, Micael (Org.). **Abalando os anos 90: funk e hip-hop, globalização, violência e estilo cultural**. Rio de Janeiro. Editora Rocco, 1997

HOBBSAWM, Eric J. "O presente como História: escrever a história de seu próprio tempo". In: **Novos Estudos**. CEBRAP nº 43. São Paulo. nov. de 1995. pp. 103-112.

\_\_\_\_\_. **Sobre História**. São Paulo. Companhia das Letras. 1998.

LE GOFF, Jacques. "A visão dos outros: um medievalista diante do presente". In: CHAUVEAU, A. TÉTART, P. **Questões para a história do presente**. Bauru, SP: EDUSC, 1999. pp. 92-104.

MCCRACKREN, Grant. "Bens de consumo, construção de gênero e uma teoria 'trickle-down' reabilitada". In: **Cultura e Consumo**. Novas abordagens ao caráter simbólico dos bens e das atividades de consumo. Mauad Editora. Rio de Janeiro. 2003. pp. 123-134.

MILLER, Daniel. "Consumo como cultura material". In: **Horizontes antropológicos**. Porto Alegre. ano 13. número 28. 2007. pp. 33-63.

RIOUX, Jean-Pierre. "Pode-se fazer uma história do presente?" In: CHAUVEAU, A., TÉTART, P. (orgs.). **Questões para a história do presente**. Bauru, SP: EDUSC, 1999. p.39-50.

VELHO, Beatriz Alvez. **A moda brasileira e a telenovela: um estudo exploratório**. Rio de Janeiro. COPPEAD-UFRJ. 2000. dissertação de mestrado.

VIANNA, Hermano (Org.). **Galerias cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

## b) Fontes

### 1)Folha de São Paulo

ABRAMOVAY, Pedro. Opinião: 'Liminar que proíbe 'rolezinho' assegura direito a segregação. **Folha de São Paulo**. 14 de janeiro de 2014. Disponível em:

<[http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/01/1397333-opiniao-liminar-que-proibe-  
rolezinho-assegura-direito-a-segregacao.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/01/1397333-opiniao-liminar-que-proibe-rolezinho-assegura-direito-a-segregacao.shtml)>.

LEITE, Marcelo. 82% dos paulistanos são contra ‘rolezinho’, diz pesquisa Datafolha . **Folha de São Paulo**. 23 de janeiro de 2014. Disponível em: <[http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/01/1401561-82-dos-paulistanos-sao-contra-  
rolezinho-diz-pesquisa-datafolha.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/01/1401561-82-dos-paulistanos-sao-contra-rolezinho-diz-pesquisa-datafolha.shtml)>.

TORRES, Sérgio. “Funk do Rio prefere linha erótica ao protesto” 05 de novembro de 1992. **Folha de São Paulo**. Folha Ilustrada. p. 4.8.

## 2) O Estado de São Paulo

GRIMBERG, Jorge. “Até quando o brasileiro irá se fantasiar de rico?”. **O Estado de São Paulo**. 29 de agosto de 2014. Disponível em: <[http://emails.estadao.com.br/noticias/moda-e-  
beleza,moda-ostentacao,1551567](http://emails.estadao.com.br/noticias/moda-e-beleza,moda-ostentacao,1551567)>.

MANSO, Bruno Paes. “Top five parade - Desostentação. SP é incrível porque está sempre em mutação”. **O Estado de São Paulo**. 27 de agosto de 2014. Disponível em: <[http://sao-  
paulo.estadao.com.br/blogs/sp-no-diva/top-five-da-parada-desostentacao/](http://sao-paulo.estadao.com.br/blogs/sp-no-diva/top-five-da-parada-desostentacao/)>.

## 3) Letras de música

MCs Cidinho e Doca - Rap da Felicidade. 1995. Spotlight Records. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/cidinho/194419/>>.

MC Boy do Charmes - Onde eu chego eu paro tudo. 2012. Konrad Dantas Produções. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/mc-boy-do-charmes/1995911/>>.

## c) Outros

Portal E-cidadania. Ideia Legislativa. Portal do Senado Federal. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/ecidadania/visualizacaoideia?id=65513>>.

Portal E-cidadania. Tramitação da sugestão de lei nº 17 de 2017. Portal do Senado Federal. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/ecidadania/visualizacaoideia?id=65513>>.